

Ecologia e Arqueologia da Paisagem: um estudo dos sítios pré-coloniais da Zona da Mata mineira¹

José Carlos Loures de Oliveira²

O principal objetivo desta dissertação foi o estudo da relação homem/meio ambiente na Zona da Mata mineira no período pré-colonial e colonial, tendo como foco de análise os sítios arqueológicos registrados na região. Este recorte espaço-temporal justifica-se pelo fato de atuarmos juntamente com a equipe do Museu de Arqueologia e Etnologia Americana – MAEA/UFJF no desenvolvimento do Projeto de Mapeamento Arqueológico e Cultural da Zona da Mata mineira que tem em seu escopo a localização, registro e estudo dos sítios arqueológicos, numa perspectiva interdisciplinar, integrando profissionais de diversas áreas, como a Biologia, Palinologia, Ecologia, Geologia, História e Etnologia entre outros.

Os estudos se pautaram nas possibilidades da relação Ecologia, Cultura e Sociedade, tomando como referência a implantação na paisagem dos sítios arqueológicos da Zona da Mata mineira. Além disso, visamos uma síntese do tratamento dado pela Ecologia Cultural e a Arqueologia da Paisagem às questões ambientais por meio da explicitação dos conceitos desenvolvidos por essas cor-

rentes teóricas. O que ocupou boa parte das discussões levadas a cabo no primeiro capítulo da dissertação.

O segundo capítulo foi destinado a uma contextualização ambiental da Zona da Mata mineira. Aspectos como ambiente natural, delimitação, relevo e estrutura, clima e hidrografia receberam atenção neste momento. Também relevantes são as descrições sobre as principais características da Mata Atlântica e seus respectivos biomas.

No terceiro capítulo centramos nossas atenções na contextualização histórica da região. Para tanto, nos valem de relatos dos viajantes naturalistas, produções do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro–IHGB, das obras de historiadores do século XX e das recentes reflexões historiográficas, que têm lançado novos olhares sobre a história de ocupação da Zona da Mata mineira.

Este levantamento histórico teve por objetivo a compreensão de alguns aspectos da relação homem e meio ambiente, partindo especialmente do confronto entre duas formas de se perceber o espaço territorial. A primeira é a indígena, com uma concepção do mundo natural numa relação de sociabilidade, que a despeito de suas apropriações e intervenções do e no meio ambiente realizavam um manejo de preservação. Já na segunda concepção, típica dos colonizadores, verificamos que a natureza era vista de maneira objetificada, cuja relação, primordialmente, era de exploração de seus recursos, numa acepção claramente capitalista. Esta postura alterou de maneira drástica os ecossistemas locais e promoveu a destruição de muitas espécies animais e vegetais, além dos próprios grupos que ali viviam.

Outro aspecto a se destacar diz res-

¹ Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ecologia da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ecologia Aplicada a Conservação e Manejo de Recursos Naturais. Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Juiz de Fora, agosto de 2007, 150p, sob orientação de Fabio Roland.

² Colaborador do Museu de Arqueologia e Etnologia Americana da UFJF. mcarlos@gmx.net

peito às fontes etno-históricas e históricas que atestam a presença de grupos pertencentes ao tronco lingüístico macro-jê na região. São várias as hipóteses acerca da origem destes grupos, sendo uma delas a sua expulsão da região central pelas frentes expansionistas no período colonial. Outra hipótese é aquela que pressupõe que os mesmos tenham vindo dos Campos dos Goitacazes no Rio de Janeiro.

De todo modo, os dados arqueológicos corroboram as informações históricas e etno-históricas sobre a ocupação da região por populações indígenas. Todavia, no que tange à análise da cultura material, o que se verifica nos atributos tecnológicos e morfológicos é que os mesmos são típicos de uma tradição arqueológica historicamente relacionada a grupos de origem Tupi e não Jê, como indicado pela maioria das fontes.

A descrição dos sítios arqueológicos da Zona da Mata mineira e sua inserção na paisagem foi o objetivo do capítulo quatro. Elencamos os principais aspectos morfológicos dos sítios e as características ambientais que possibilitaram tomadas de decisões sobre as possíveis escolhas dos locais de assentamento.

Destacamos 18 sítios pré-coloniais que possuem semelhanças em termos de sua cultura material e implantação na paisagem. As altitudes variando entre 400 e 800m de altitude, área de floresta submontana e próximos a curso d'água navegáveis são suas principais características. Outros elementos marcantes são as formações tipo monodnocks (pontões gnáissicos) e a presença de feições doliniformes. Estas últimas ocorrem diretamente em pelos menos cinco dos sítios estudados. Possuem diâmetros variando entre 50 e 130m e profundidades entre 2 e 6m. Amostras de sedimentos retiradas em diferentes pontos das feições doliniformes, foram encaminhadas para análise química e física, com vistas a uma avaliação de suas propriedades. A partir de um estudo

comparativo dos resultados, agregados a uma pesquisa geomorfológica e pedológica, será possível inferir sobre as possibilidades de ações antrópicas na fisionomia das feições doliniformes. Em relação aos monodnocks, acreditamos que sua proximidade dos sítios pode ter constituído referencial simbólico e imagético da coletividade dos grupos que aqui habitaram.

De modo geral, as datações por termoluminescência têm atestado uma antiguidade média de 500 anos para a maioria dos sítios, chegando ao caso específico do Sítio Córrego do Maranhão, a 1500 AP. Correlações de dados ambientais, materiais e de datações ainda não possibilitaram inferências sobre mudanças ou continuidades.

A título de encerramento, a contribuição de nosso trabalho consiste em uma possibilidade investigativa na compreensão da relação homem/meio ambiente no período que antecede à colonização da Zona da Mata mineira, a partir dos dados arqueológicos e sua inserção na paisagem. Sem pretensão de determinar as variáveis responsáveis pela dinâmica dessa relação, percebemos uma interação contínua, em que os fatores naturais são apropriados pela cultura e acabam por ser percebidos como parte de uma mesma rede de significados. Para os limites de nossa pesquisa, podemos inferir que aspectos da morfodinâmica da paisagem, como as feições doliniformes e os monodnocks ou pontões gnáissicos poderiam muito bem ter constituído referenciais físicos e simbólicos nas formas dos assentamentos das populações pré-coloniais da região. Estas inferências trazem à luz das pesquisas arqueológicas realizadas no Brasil, novas variáveis na compreensão dos padrões de ocupação dos grupos Tupi pré-coloniais, somado aos pressupostos teóricos da Arqueologia da Paisagem sobre as formas diferenciadas de percepção do espaço.